ASSIGNATURAS
Corte, anno..... 10$000
Semestre..... 5$500
Trimestre..... 3$000
Mez..... 1$000
Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS
Provincias, anno. 12$000
Semestre..... 7$000
Trimestre..... 4$000
Mez..... 1$500
Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO
Dedicado ás Moças Brasileiras
PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA
PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA
Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.
COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.— Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Francisca Gonzaga, F. A. Costa, etc

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1880 N. 5

BEMTEVI

Sobre a franja verdejante,
Deslumbrante,
Da coma do Goriry
Com matiz alaranjado,
Qual soldado,
Monta guarda o *bemtevi*!...

O viandante que passa
E perpassa,
Pondo em fuga a jurity...
Não se escapa do curioso
Teimoso,
Que lhe brada: *bemtevi*!. . .

A donzella que percorre
E que corre
Em busca do colibry. . .
A cada momento pára. . .
Repara
Com medo do *bemtevi*!. . .

Lembra-me o tempo perdido
Consumido
Na caça da pairary. . .
Quantas vezes no encalço
Falha o laço
Por causa do *bemtevi*!. . .

A criança no seu tempo,
Que tormento!
Quando pensa no sacy. . .
Depois que chega á idade
Da verdade
Se occulta do *bemtevi*!. . .

Embora tenha crestados,
Tisnados
Os labios c'o a comary. . .
Estremece com receio. . .
E anceio
Se percebe o *bemtevi*!. . .

E se alguem se julgar penso
E propenso
Em furtar o cambucy. . .
Applique baços antolhos. . .
Nos olhos
Do maçante *bemtevi*!. . .

Sobre a franja verdejante,
Deslumbrante,
Da coma do Goriry
Quando o sol a luz dardeja
Se espaneja
Sempre álerta o *bemtevi*!. . .

DR. LUIZ CARDOSO

A MULHER

Entre os fulgores da vida
Foste tu, mulher querida,
O de mais doce attracção;
Pelo amor e sentimento
Que esplende a cada momento
No teu nobre coração.

×

Creou Deus a natureza
Toda primor e belleza,
Toda risonha e taful:
Deu à terra a côr tão verde,
A vastidão que se perde,
Ao mar,—fez o céo azul.

×

Tudo era bello e sorria,
Tinha encanto a luz do dia,
O passarinho a cantar;
A flor banhada em perfume,
O insecto beijando o lume,
O homem gozando o ar.

×

Mas,—arrojo de poeta!
Sua obra era incompleta,
Faltava-lhe pôr o fim;
Era a hora do debate...
Urgia mesmo um remate
E foi ella—o cherubim!

×

Que— a flor do prado—mais bella,
Mais formosa que uma estrella,
Mais pura que o rosicler;
Sahio da mente divina
Essa obra esmeraldina,
O anjo pulchro,—a mulher!

×

Desde então a humanidade
Respirava com vontade
Ao seu ditoso sorrir;
Vencendo as primeiras arrhas,
A mulher lançou as barras
Do nosso edeneo porvir.

×

Foi ella que triumphante
Gritou primeiro incessante,
Ergueu o nosso trophéo;
Ella,—a flor das outras flores,
Ella,—o riso dos amores,
Ella,—a bonança do céo.

×

Pois sem ella, tudo quanto
De noss'alma com espanto
Deus infinito creou;
Seria o cahos—e bem mudo,
Que a mulher-esposa é tudo,
A corda que mais vibrou.

×

Tem sempre meigas caricias,
Nossa vida com delicias
Assim se passando vai;
Resoluta no seu posto,
Soffre,—mas vence o desgosto,
Seu peito não solta um ai!

×

Quando adoece o esposo,
Do leito á beira saudoso
O cherubim vem sentar;
Resguarda a porta, a janella,
Tem medo—sempre—por ella
Penetre a corrente de ar.

×

E, com que terno carinho
Não embala o seu filhinho,
Que risonho adormeceu!
—N'aquelle amigo abandono
Já fruindo o calmo somno,
Que de beijos não lhe deu!

Depois—que fé inspirada,
Que alma santa, acrysolada,
Como é devota a mulher !
Ella—ao homem regenera,
Pois sua fé reverbera
Como um céo de rosicler.

×

Ella é como a luz suave
Que—no recinto da nave
Espalha o santo clarão ;
O anjo de mais ternura,
A voz que vibra mais pura,
O anjo da creação.

×

De Deus o poder exprime :
Foi a estrophe mais sublime
D'esse poema immortal,
Que Deus—banhado em fulgores,
Lançou no meio das flores
Do nosso Edén terreal.

×

Foi ella, sim ! quem contesta ?
— O riso da grande festa,
Que um dia teve de ser ;
Quando ella surgiu,—alados
Dos seus seios tão nevados
Voaram—Riso e Prazer !

×

E esses dois passarinhos
Já tem posto os alvos ninhos
Em tugurios mil e mil ;
A's vezes na selva adusta,
Onde a fera mais assusta,
Ao pé do rude alcantil.

×

Lá ireis achar, na fonte,
Em torno ao vasto horisonte
O raio de meiga luz,
Velando o nosso destino;
Como um raio peregrino
Cahido de excelsa cruz !

×

Não tem patria:—se desterra,
Segue o filho, vai á guerra,
Do mar affronta o escarcéo ;
Não tem patria esse portento :
O astro—é do firmamento,
O anjo—é sempre do céu !...

SYMPHRONIO CARDOSO.

Serões da Provincia

POR

JULIO DINIZ

—

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

— Bons dias, meu pequeno cliente disse elle dirigindo-se a Thomaz e enviando-me ao mesmo tempo uma ceremoniatica reverencia.

Um sorriso de inoffensiva zombaria se deslisou nos labios de Thomaz, ao contemplar o doutor.

— Então já de volta da sua excursão clinica, Dr. madrugada?, bem esforços faz por desmentir o *vitas brevis*, que sempre traz na bocca.

— E' preceito hygienico que observo religiosamente ; deito-me ás oito horas para ás quatro me levantar. Isto auxilia a boa distribuição dos humores e a cocção das materias peccantes.

O aspecto do doutor não era muito lisongeiro á theoria, ou tudo n'aquelle corpo era materia peccante ; pois de facto dir-se-ia ter passado todo elle por uma cocção verdadeira.

— E as suas dôres de cabeça? accrescentou voltando-se para Thomaz.

— Vão-me sendo infieis e ameaçam deixar-me, as ingratas.

— Ruinzinho! Isso já podia estar fóra, e voltando-se para mim: Ora diga, uma *cephalêa* com um fundo *plethorico*, devida evidentemente á confluencia dos humores para a cabeça, coisa propria da idade, qual o tratamento racional que exige? Salta aos olhos dos leigos.

Apezar d'isso não saltou aos meus, o que me grangeou uma reputação duvidosa na mente do illustre adversario das materias peccantes, de cuja algarvia eu não pudera perceber palavra.

— Não ha que vêr, respondeu elle por mim, e com certo azedume, a sangria, a sangria e só a sangria.

Depois dirigindo-se a Thomaz:

— E como está a mamãe?

— Vai vêr, disse este, abrindo a porta da sala do jantar onde haviamos já chegado.

Depois de uma lucta de delicadezas e reciproca troca de zumbaias entre mim e o medico, consegui fazel-o entrar adiante e penetramos na sala.

Justamente n'aquelle momento acabava a senhora de Entre-arroios de prégar aos creados o seu duodecimo recado, tarefa que sob o nome de *canceiras de casa*, encetava pela manhã para terminar á noute.

III

A nossa chegada desanuviaram-se as feições contrahidas da senhora de Entre-arroios; desceu uma oitava ao tom da voz e, adiando para mais tarde a explosão de suas justas iras, justas deviam de ser, saudou o medico com o epitheto mais amavel que lhe occorreu, passando a informar-se, como alma caritativa que era afiual de contas, dos clientes mais pobres do Hippocrates campezino, os quaes ella tantas vezes com cuidados, mais poderosos do que as drogas medicinaes, lhe auxiliava a curar.

Eu no entretanto dirigira-me com Thomaz para a janella onde, para dizer alguma coisa, me puz a exaltar a paisagem, realmente bella, que se gosava d'alli.

Thomaz parecia escutar-me com prazer; fez côro commigo e, com mais ardor do que eu, exprimia o seu enthusiasmo por as bellezas do campo.

— Póde acreditar — disse-lhe no descurso da conversa, — que hontem, ainda que extenuado pelas fadigas da jornada, passei algumas horas absorvido na contemplação de toda esta scena, phantasticamente alluminada pela claridade de um magnifico luar de Julho?

Estas palavras, pronunciadas sem intenção, produziram em Thomaz um effeito, que, antes de as concluir, eu já notava e que me não foi difficil explicar.

Vi-o estremecer e olhando-me d'um modo especial:

— Hontem? a que horas? perguntou-me, com não disfarçada curiosidade.

Mentir não me era facil.

— Depois da ceia... Das onze horas para a meia noite.

— E d'onde? de que janella?

— D'acolá! e apontei para o pavilhão.

Os olhos de Thomaz seguiram essa direcção, d'ahi voltaram-se na do seu quarto e, depois de curta reflexão mental, fitou-me um olhar tão fixo, que, sem saber bem porque, desviei o meu. Trahi-me.

Elle tambem me havia sondado.

Córou um pouco e depois, como se abraçasse uma subita resolução, perguntou-me com notavel vivacidade:

— E que viu?

Adivinhei logo o sentido da pergunta, mas fingi ignoral-o, respondendo:

— Todos estes mil effeitos, que nos surprehendem e que não sei descrever; contrastes admiraveis de sombra e luz...

— Só?

— Pois que mais?

Eu achava-me n'uma posição falsa, e que não poderia sustentar por muito tempo, pois confesso não serem grandes os meus talentos para dissimular.

— Então, além d'isso, não viu mais nada? insistia Thomaz, nem acolá? e apontava para a janella do quarto.

A interpellação era muita directa d'esta vez para lhe resistir; desde que o vi lançar assim as cartas na meza, julgei melhor imital-o.

— Alguma coisa, é verdade, mas... tambem viu? accrescentei a meia voz.

— Se era eu mesmo.

— Ah!

Soube então quanto nos vale esta interjeição em casos apertados. Ganha-se tempo com ella, sem arriscar um passo que possa comprometter-nos.

— E' verdade; que quer? continuou Thomaz, como se tivesse pressa de me explicar o seu procedimento. Eu tambem amo a natureza. Extasio-me ao respirar de noite o ar embalsamado dos bosques, sob um tecto de verdura, atravez do qual se descobrem, se escondem, scintillam e resplandecem as estrellas, parecendo reflectir-se na terra n'esses milhares de insectos que das azas luminosas despedem fogos, tão fugitivos como os pensamentos que a essa hora nos atravessam o espirito.

A's vezes, acredite, chego a imaginar que de todos os lados me surgem as fórmas vagas e vaporosas que idealisa a poetica imaginação do nosso povo e que imprimem nas singelas narrações dos campos, nas canções entoadas á hora das ceifas, ou junto do lar, um encanto indefinivel. Talvez me julgue creança se lhe disser que um dos meus maiores prazeres n'esta vida é, n'uma noite como a de hontem, na espessura das devezas, d'onde escute o murmurar d'um ribeiro visinho e veja desenhar-se no chão, em fórmas phantasticas e movediças a folhagem que os raios da lua a custo podem atravessar, n'uma noite assim ouvir contar uma d'essas historias de fadas, que em pequeno tanto me entretinham e ainda hoje me deleitam e mais já tenho perto de dezeseis annos!

— Mas contadas por quem, essas historias? perguntei, talvez impertinentemente.

(*Continúa*)

O leãosinho

(A UMA MENINA)

A' tarde foge o sol nas orlas do horizonte
E o viajor que passa
Vê acaso vagir nas faldas d'algum monte
Leãosinho de raça.

+

Anda perto a leôa, a provisão nocturna
Buscando p'r'o filhinho,
E o viajor, qu'espreita, ousa chegar á urna
E rouba o leãosinho.

+

Ao collo elle o conduz
Estreita-o contra o seio,
Das pequeninas garras
Sem ter siquer receio;
E beija entre carinhos
Os negros olhos bellos,
E alisa ao fulvo dorso
Os tão sedosos pellos.

+

Em mente traça o plano
De sempre assim crial-o;
Tão tenro animalzinho
A quem causar abalo?
Amima-o a criança
E sem temor o faz,
Até que a fera cresce
E ruge e brame audaz.

+

Então todos a temem,
E a seu feroz mugido
Responde muita vez
Sómente algum gemido;
Então, quem o diria,
A vida em vão implora
Quem não temeu-lhe as garras,
Quem mimos fez-lhe outr'ora.

. . . . . .

Pois bem, tu sabes, Elydia,
Que tão perfido leão,
E' de amor fiel emblema,
Symb'lo fiel de traição.

+

Embalamol-o em pequeno
No berço das phantasias;
E' nossa fonte de bens
Pura fonte de alegrias.

+

Cresce porém o traidor
E as garras lança em noss'alma:
Do peito jorram pezares,
Esvae-se a vida da calma.

+

Assim eu temo que seja
Como a fera pequenina
Esta affecção que em meu seio
Eu dei guarida, menina.

+

E' porque, na sympathia
Pelo teu meigo sorriso,
Já do fero leãosinho,
Por Deus, as garras diviso.

+

Mas como ainda és pequena
Nem me acautelo do amor,
D'affeição meu batelzinho
Deixo vogar sem temor.

+

E neste amor de criança
Sem ter anhelos siquer,
Adoro em ti a menina,
Mas já receio a mulher.

. . . . . .

Agridoce prazer que o seio nos traspassa
N'uma agonia lenta,
Ai, eu sei que o amor noss'alma despedaça
Como a fera sedenta.

+

Quando à tarde fugir o sol là n'horizonte,
Ao triste scismador
Oh! não tente o vagir do leãosinho insonte,
A chimera do amor.

+

Anda perto a desdita, a provisão de dores
Colhendo precavida,
E o sonhador incauto acorda entre amargores
E amaldiçôa a vida!

+

Não quero ouvir, oh! não, sereia tão fallaz,
Tenho medo do encanto,
Quando fores mulher, não me sorrias mais,
Amar-te-hia tanto!....

S. Junior.

ARTISTA HONRADO

Occupado a pintar um de seus melhores qnadros, Ticiano (1) deixou cahir o pincel na presença de Carlos V, (1) que apressou-se em apanhal-o. Os grandes de Hespanha, que o acompanhavam, observadores minuciosos das leis da etiqueta, censuraram esta acção.

— Eu posso, disse-lhes Carlos V, olhando-os ironicamente, fazer em alguns minutos uma centena de homens como vòs, mas não ha senão um Deus que possa ter creado um Ticiano.

Trad. de Francisca Gonzaga.

(1) Ticiano, célebre pintor veneziano.

(2) Carlos V, imperador da Allemanha, rei da Hespanha, em 1516.

Teu sorriso

A

Teu sorriso é a crença animadora,
Que illusões decahidas põe de pé:
E' a meiga expressão que diz ao mundo
O sorriso dos anjos como é.

+

E' a téla onde vê-se debuxado
O quadro mais gentil da creação;
E' a seiva que nutre, que alimenta,
Na cabeça do vate a inspiração.

+

Teu sorriso é o verbo insinuante
Que ensina a querer bem, que ensina a amar,
Aura amena que as flores da existencia
Vai aos ermos do peito embalançar!

+

E' o raio melhor do sol da vida;
E' dos mimos do céo doce porção;
O suave rumor que acorda as notas,
Que dormem no calor do coração!

+

Teu sorriso é a folha mais mimosa
Que no livro d'amor minh'alma leu;
Um poema, mulher, que em seus delirios
Nos teus labios gentis Deus escreveu!

J. M

MOSAICO

As mulheres e as flores

O caracter das mulheres é tão variado como as differentes especies de flores conhecidas.

—

O aroma é para as flores o que o amor é para as mulheres

—

Existem lindas flores sem aroma, assim como ha mulheres formosas sem amor.

—

Ha tambem outras flores que não sómente nenhum aroma trescalam, como ainda estilam venenos corrosivos e subtis.

—

Assim tambem ha mulheres que não sómente não sabem amar, como abrigam um coração iniquo e mais perigoso do que o veneno das referidas flores!

CHARADAS

As do numero passado eram: Saltão, Patacão, Descoco, Geralmente.

Para as de hoje, um trimestre d'este jornal.

Redondo—1
Quadrado—2
Na fórma
Formado.

—

Sou morada de Deus, de bispo assento—1
E já fui d'um falso deus ilha afamada—2
Em mim não entrará sujeito limpo,
Mas nunca está sem mim casa aceiada.
Um deus na India—1
Fezes ou borra—2
Brincar e correr,
Atirar á malha,
Cabra-céga, procura quem te deu.

—

Sou mortalha na vida ao condemnado—2
Mais que um Deus pôde n'ella a natureza—2
Habito no mar, na summa profundeza,
Pelo audaz marinheiro alli pescado.

Synthese bestialogica

A QUEM TOCA

Melquifèrio, Tartafonio, Geropiga,
Transfeguncio, Gerofélio, Arigolládo,
Turbiaceo, Xefeldóte, Afrijolado,
Bratafésio, Silvoracio—só barriga,

Gerviacio, Turjaguncio d'uma figa,
Geralvecio, Merjagorio, Serambeca,
Alvernicio, Xeralvinio, Maribeca,
Agrefario, Feraguncio, Brefaliga,

Artaricio, Berjigonio, Serifoque,
Gulximbécio, Tarjaócio, Fergi nario,
Tarpilécio, Lartimário, Arifióque:

Eis ahi a linguagem de artificio
D'ingrato charlatão atrabiliario,
Emprestando aos demais seus baixos vicios.

DR. LUIZ CARDOSO.

Typ. Economica, Rua de Gonçalves Dias n. 28